



**Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Lássicas – LIP**

Lusinete Oliveira Viana

Estudos sobre a aquisição da estrutura passiva por crianças.

Brasília
2013



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Lássicas – LIP

Lusinete Oliveira Viana

Estudos sobre aquisição da estrutura passiva por crianças.

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Brasília como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Magalhães

Brasília
2013

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais que, mesmo em sua simplicidade, me deram muito apoio em todos os momentos da minha vida. Cresci ouvindo meu pai dizer que a única herança que poderia deixaria para os seus nove filhos seria uma caneta. Meu pai, com certeza essa é e sempre será a melhor herança, pois foi com ela e com seus ensinamentos que hoje pude chegar até aqui. Dedico-a, também, aos meus irmãos, que estiveram sempre ao meu lado e nunca mediram esforços para me ajudar e aos meus professores, que me ensinaram que por mais que achemos que o nosso conhecimento já está bem profundo, estamos enganados, pois o conhecimento é algo que está sempre se renovando.

Obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que com seu infinito amor sempre me protege. À Nossa Senhora que desde o meu nascimento intercede por mim junto ao Pai. Também agradeço ao meu Santo Anjo da Guarda que tem me guiado e protegido.

Agradeço aos meus amados e queridos pais, Antônio e Maria dos Milagres, que sempre apoiam minhas decisões e permitiram que saísse de casa quando a oportunidade chegou e que por meio dessa oportunidade pude conseguir fazer minha graduação. Agradeço por me ensinarem a ser uma pessoa honesta e de caráter e a crer que o “pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada”.

Agradeço à minha mãezinha por me ligar todos os dias pela manhã só para me abençoar e me desejar um bom dia. Não tem explicação!!

Agradeço aos meus irmãos lindos: Elizabeth, Ediomar Edilson Edvan, Edinho, Jovita, Francisca e Lina, que sempre prestaram socorro nos meus momentos de desânimo. Obrigada por aguentarem minhas ligações diárias, às vezes apenas para jogar conversa fora e matar a saudade.

Aos meus sobrinhos, que só ao falarem comigo por telefone já me fazem sentir muito melhor.

Agradeço às famílias Rodrigues e Ferreirinha, que se tornaram a minha segunda família. Obrigada por acrescentarem valores de Amor e Família em minha vida. Obrigada por acreditarem e me incentivarem a buscar o meu sonho. Sei que sozinha não seria capaz! D. Lourdes S Franduyá, meus pais de coração, sem ajuda e os exemplos de vocês, este sonho não teria se concretizado. Letícia e Giovanna, minhas eternas discípulas, vocês também foram muito importantes nesta minha conquista. Família, muito obrigada pelos 11 anos em que convivemos.

Agradeço às minhas QUERIDAS AMIGAS (O), Andréa, Dieime, Juliana, Priscilla, Tayan e Shayane, que durante a minha graduação sempre me ajudaram muito. Sem vocês a caminhada seria muito mais árdua.

Agradeço ao grupo do Oco Aberto: galera, amei conhecer cada um, vocês são muito especiais em minha vida.

Agradeço a Lee Maxial pela nossa linda amizade de 11 anos que me ensinou muito. Obrigada por tentar ajudar a organizar a minha vida acadêmica e pessoal, por aguentar minhas reclamações, impaciências, meus choros. Por ter tirado várias cópias dos textos quando eu precisava, pelas encadernações, enfim, por toda ajuda. Você se tornou minha quinta irmã, aquela que me ajuda a levantar toda vez eu tropeço.

Agradeço à minha amiga Jaqueline, que diz que sempre eu a coloco em emboscada, quando em cima da hora pedia para fazer algo para mim, às vezes entregar minha frequência, pegar crachá do Cespe, tirar cópia de algum trabalho... Amiga, muito obrigada pelos seus conselhos de irmã mais velha, mesmo sendo mais nova que eu. Te admiro por sua maturidade e determinação.

Agradeço à minha amiga Dinha e sua família por sempre me acolher em seu lar e acreditar que eu seria capaz de vencer todos os obstáculos.

À Iva e sua família, que me receberam e acolheram em sua casa em um momento difícil de minha vida.

Obrigada à Renata e sua família que, sem me conhecerem muito, cederam sua casa para que eu pudesse morar. Serei eternamente grata pelo que fizeram por mim.

Agradeço a D.Irene e ao Sr. Antônio, que cuidam de mim e me ajudam nos momentos mais complicados e sempre me acolhem quando peço socorro.

Agradeço ao Grupo Rejuges, com o qual pude estar por aproximadamente dois anos e aprender muito durante as apresentações em sala de aula e principalmente durante as pesquisas de campo. Foi muito bom!

Agradeço a todos da Serenata de Nata da UnB, que sempre no segundo semestre de cada ano, durante o desespero de muitas atividades que eu tinha para realizar, muitas vezes largava tudo e ia buscar ânimo nos ensaios, nos pré natais e nas apresentações nas quadras. Nestes momentos esquecia todos os problemas e minhas forças eram renovadas.

Agradeço a todos os professores do meu curso de Letras Português, e aos professores dos outros cursos com quem tive aula: obrigada por todos os ensinamentos!

À minha orientadora, Marina Magalhães, obrigada por ter aceito ser minha orientadora e por ter paciência comigo.

Enfim, sei que não conseguiria ter chegado até aqui sem meus “AMIGOS ANJOS”

Valeu!!!! Amo muito vocês!!

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar; é melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver...”

Martin Luther King.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Objetivos.....	9
Fundamentação teórica.....	10
Metodologia.....	16
Capítulo I: conceito de linguística e delimitação dos estudos sobre aquisição da linguagem.....	18
Capítulo II: O que são as estruturas passivas: forma e função.....	22
Capítulo III: Descrição e análise dos trabalhos existentes e relevantes sobre a aquisição das passivas.....	25
Capítulo IV: Considerações finais.....	33
Referências Bibliográficas	34

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é a de analisar um dos muitos fenômenos correntes na aquisição da linguagem: a aquisição das sentenças passivas tema que representa um grande desafio para os pesquisadores da área de Linguística, ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas (STAMPA, 2009).

Muitas são as pesquisas realizadas para buscar compreender como esse fenômeno acontece. Entre as pesquisas desenvolvidas no ramo da aquisição da linguagem, estudos relevantes tratam da aquisição do desenvolvimento da estrutura da sentença passiva pelas crianças. Este trabalho representará uma reflexão acerca das pesquisas já existentes sobre esse tema, um fenômeno interessante já que muitos dos trabalhos apresentados relatam que a aquisição da sentença da passiva ocorre tardiamente.

Durante este trabalho será elucidada a diferença entre duas sentenças passivas: as reversíveis e as irreversíveis, sendo a primeira aquela que, segundo as pesquisas realizadas, tendem a ser as mais complexas na interpretação pelas crianças, enquanto as irreversíveis apresentam uma certa facilidade para a compreensão.

Outra vertente que será apontada neste estudo é interpretação do motivo pelo qual as crianças compreendem melhor os verbos agentivos do que os não agentivos e qual a importância deles para a compreensão da sentença passiva.

Além desses, outros aspectos gramaticais relevantes serão considerados em relação à sua influência na aquisição das passivas.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- ✓ Apresentar e discutir os trabalhos que abordam a aquisição da passiva por crianças falantes do português brasileiro, mas também do português europeu e do inglês..

Objetivos específicos

- ✓ Conceituar o que é Linguística e delimitar a área dos estudos sobre aquisição da linguagem;
- ✓ Apresentar as diferentes escolas-e suas hipóteses sobre o que é aquisição.
- ✓ Analisar alguns trabalhos relevantes que apresentam a aquisição da sentença passiva em crianças;
- ✓ Identificar a relevância de alguns fenômenos gramaticais e sua relação com a aquisição desse tipo de estrutura pelas crianças.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste trabalho, faremos uma análise comparativa dos trabalhos existentes sobre a aquisição das estruturas passivas pelas crianças falantes de português brasileiro, mas também de estudos que tratam desse fenômeno tendo como foco falantes de português europeu e inglês.

Os trabalhos a serem considerados utilizam principalmente as abordagens gerativista e funcionalista para descrever e explicar o fenômeno.

Aqui não será avaliada a adequação ou não de uma ou outra abordagem, mas serão apenas consideradas as contribuições dos diversos trabalhos para o entendimento desse fenômeno. Ainda serão considerados diversos aspectos em que os autores apresentam suas pesquisas e que merecem ser levados em conta, como por exemplo: o motivo de as crianças menores de seis anos terem dificuldades para compreender uma sentença passiva. E ainda, por que compreendem frases com verbos agentivos mais facilmente do que frases com verbos não agentivos, e qual a relação entre a dificuldade de compreensão das passivas reversíveis e não reversíveis. Quanto à compreensão das passivas reversíveis, Sim Sim (1997) diz que “só a partir dos nove anos de idade é que as crianças têm um desempenho ao nível do adulto” e as irreversíveis são compreendidas aos quatro anos.

No entanto, outro fator relevante diz respeito à maior facilidade da compreensão por verbos de ação e não ação. Sobre esse ponto, Gabriel (2001:10), afirma que “as crianças compreendem mais facilmente passivas com verbos de ação, exemplo; *morder*, que os de não-ação, exemplo; *ver*, mesmo quando já têm mais idade”. Isso significa que a facilidade para a compreensão da sentença passiva não está estritamente ligada ao fator idade, mas relaciona-se também a outros fatores, como o tipo de verbo.

Embora tenhamos encontrado pouco estudo a respeito da aquisição da passiva por crianças que têm o português brasileiro como língua materna, apresentaremos alguns estudos que tratam deste tema por meio de uma abordagem gerativista, área em que as pesquisas sobre a aquisição da linguagem são mais representativas, e também por meio de uma abordagem funcionalista, principalmente porque:

Os funcionalistas tentam explicar o que ocorre na língua a partir de um contexto específico do uso, baseado no princípio de que o discurso é

constituído por estratégias criativas utilizadas pelo falante para que o seu texto torne-se adequado ao ouvinte em uma determinada situação comunicativa. (GONSALVES, 2010).

Segundo Gabriel (2001), existe dificuldade de compreensão de passivas por crianças de três a seis anos, falantes do português. Numa perspectiva gerativista, esta dificuldade se dá porque a cadeia A da gramática da criança ainda não está bem definida. A Cadeia A (ACDH- A Chain déficit Hypothesis), no caso das sentenças passivas, é o movimento do objeto para a posição do sujeito, ou seja, o movimento do sintagma nominal na sentença. A autora trabalha, assim, com a hipótese do déficit da cadeia apresentada por Borer e Wexler (1987), que baseados no modelo de Princípios e Parâmetros de Chomsky, defendem que o princípio que controla este movimento na criança apenas matura aos cinco anos.

Nas experiências descritas no artigo de Estrela (2012), a autora constatou, por meio da análise dos trabalhos de Borer & Wexler, que as passivas agentivas seriam mais fáceis de serem compreendidas uma vez que seriam interpretadas como adjetivais.

As passivas não agentivas, dada a sua semântica, são incompatíveis com uma leitura adjetival, ao contrário das agentivas. Quando a criança é confrontada com uma passiva agentiva, não consegue formar uma cadeia-A e, possivelmente, não compreenderá a frase. No entanto, poderá atribuir uma interpretação adjetival à frase e conseguir interpretá-la. (ESTRELA, 2012:17)

Mas esta aquisição tardia refere-se apenas à aquisição das passivas verbais e não à aquisição das passivas adjetivais. Assim, na análise feita pela criança de uma determinada frase na voz passiva, o objeto ocupa o lugar do sujeito e recebe o papel Θ de argumento interno

Haegman (1994), apresenta as características associadas à essa estrutura: (i) a morfologia verbal é afetada, (ii) o papel temático do verbo é absorvido, (iii) o caso estrutural do verbo é absorvido; (iv) o sintagma nominal ao qual é atribuído o papel interno se move para uma posição onde se recebe o caso, (v) o movimento do sintagma nominal é obrigatório, dado o filtro do caso, (vi) o movimento do sintagma nominal é permitido porque a posição do sujeito está vazia.

Logo, complementando as características citadas por Haegman acima, Borer & Wexler (*op.cit*) consideraram que uma das fontes possíveis para a dificuldade relacionada à passiva refere-se à necessidade de mover o objeto da sentença para a posição do sujeito. Para exemplificar melhor este conceito, Miotto (2005) representa-o utilizando a árvore gerativa. Na árvore é possível perceber este movimento do sintagma ao qual os autores se referem: Frase na voz ativa.

(1) O menino chutou bola.

Na representação arbórea, com a movimentação do sintagma, a frase fica assim:

(2) A bola foi chutada (pelo menino).

Logo:

IP = constituinte

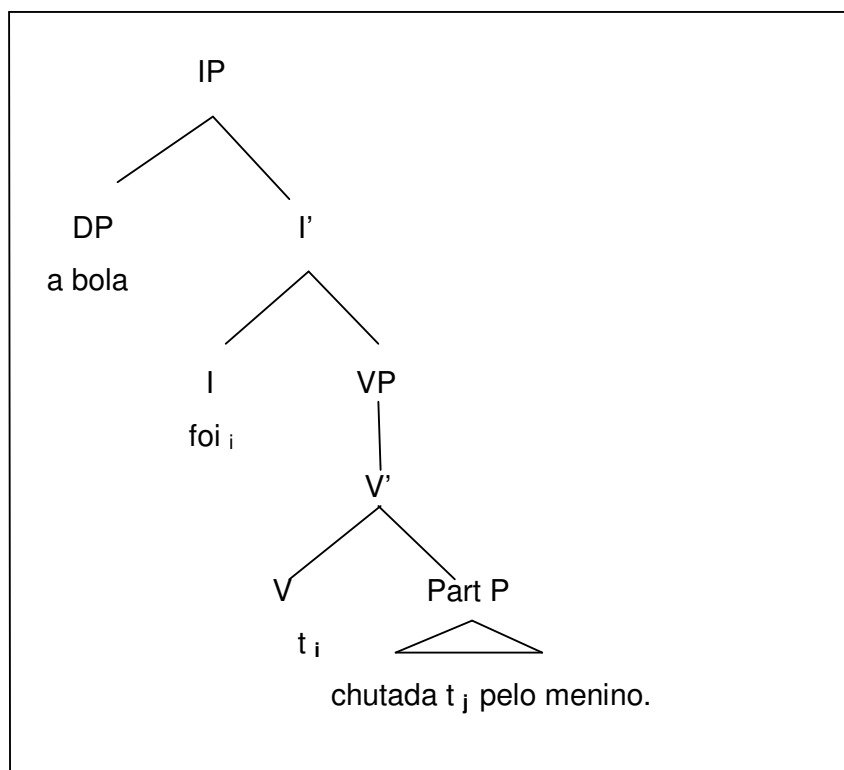
V = verbo

DP= determinante (sujeito

VP= verbo preposicionado

I= flexão verbal

PART= particípio



Parafraseando Maratsos (1979) e Ruben (2009), as crianças, em um determinado estágio de seu desenvolvimento, interpretam a passiva como ativa. Assim, esse acontecimento se dá pelo fato de ela, ao ouvir a sentença reversível, interpretar primeiramente o DP como agente/causador da ação.

Para melhor entender, a partir de uma perspectiva funcionalista, como se dá a aquisição da sentença passiva, não só com as crianças falantes do português, mas com crianças que falam outras línguas, e até para que de maneira comparativa, se possa verificar se este atraso é universal ou não, Slobi (1981) afirma que: Em cada tipo de língua, as crianças inicialmente isolam e generalizam formas sentenciais básicas. Além disso, acredita-se que existem algumas ligações importantes, mesmo que um tanto obscuras, entre esses dois processos de formação de padrões, de forma que eventos prototípicos e formas sentenciais canônicas constituem um núcleo para o crescimento da linguagem.

De acordo com Gabriel (2001), para a construção das passivas é necessário que haja alguns domínios específicos, sendo eles os papéis semântico, estruturas sintáticas e os aspectos funcionais. O quadro a seguir, encontrado em Gabriel (2001), mostra uma ideia geral dos principais domínios envolvidos na construção passiva.

Papéis semânticos	Estrutura sintática	Aspectos funcionais
1. Agente	sujeito oblíquo	supressão ou movimento do agente
2. Paciente	OD sujeito	promoção do não-agente
3. Ação	verbo transitivo verbo intransitivo	verbo de estado

Os exemplos a seguir contrastam uma sentença na voz ativa (3) com outra na voz passiva.

(3) O cão seguiu o menino.

(4) O menino foi seguido pelo cão.

Neste caso, a distinção entre (3) de (4) encontra-se na forma perspectivada da situação descrita pelas frases, uma vez que descrevem a mesma situação. A frase ativa e a frase passiva apresentam-se estruturalmente diferentes, sendo que a primeira focaliza o elemento na frase com o papel temático externo (*cão*) e a segunda focaliza o elemento com papel temático interno (*menino*).

Mas outras fontes apontam que o conhecimento da passiva pode passar por estágios, possibilitando assim, um conhecimento gradual dessa sentença (Sudahlter e Braine, 1985). No primeiro estágio não haveria nenhum conhecimento dessa passiva; no segundo, os verbos agentivos possibilitariam a compreensão das passivas e, por último, todas são compreendidas.

- (5) O filho foi abraçado pelo pai.
- (6) O pai foi abraçado pelo filho.
- (7) O ventilador foi quebrado pelo rapaz.
- (8) O computador foi ligado pela moça.
- (9) * O rapaz foi quebrado pelo ventilador.
- (10) *A moça foi ligada pela televisão.

As sentenças 5 e 6 acima são apresentadas como passivas reversíveis, porque quando há inversões dos papéis de agente e paciente, gera-se uma frase aceitável. Já as passivas irreversíveis (exemplos 7 e 8) são aquelas que quando seus constituintes são invertidos, a nova sentença fica incompreensível, ou seja, uma sentença anômala, (exemplos 9 e 10). Portanto, observamos um senso comum na literatura em que, para alcançar a interpretação correta de uma passiva irreversível, o indivíduo poderia valer-se de outras formas de estratégias que não simples análise sintática. Dessa forma, facilitaria a sua tarefa frente ao objeto linguístico.

Os autores Baldie (1976) e Cordeiro (2012) defendem que uma aquisição perfeita da produção da voz passiva só é atingida aos 9;0 – 9;5 anos, enquanto a compreensão ocorre aos 6;6 – 7;6 anos e a repetição aos 4;0 - 9;0 anos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho será a realização de análises bibliográficas de trabalhos existentes acerca do tema aquisição da sentença passiva por crianças, além de uma reflexão acerca das diferentes perspectivas dos autores. Para isso, será necessário explicitar também dos processos semânticos e morfossintáticos envolvidos na estruturação das sentenças ativa e passiva.

Para tanto, o trabalho foi dividido em etapas: primeiro, foi realizada a análise de algumas gramáticas normativas (CEGALLA, 2008; BECHARA, 2009; CUNHA, 2008), a fim de expor os conceitos da voz ativa e passiva propostos e verificar os critérios usados para diferenciar esses processos neste tipo de literatura. Na segunda etapa se deu o levantamento e análise de trabalhos científicos relevantes sobre o tema (artigos, dissertações e teses), por meio dos quais esses processos eram problematizados sob o enfoque da ciência Linguística, em abordagens funcionalistas e gerativistas.

A dificuldade maior de se abordar este fenômeno, no entanto, ocorre em primeiro lugar devido à sua especificidade, além do fato de que essa estrutura, passiva, ocorre mais frequentemente em contextos restritos, no caso na escrita, e não na oralidade, como observou Perontino (1995). Sobre isso, vale ressaltar que o único registro da passiva que a autora encontrou ao analisar a gravação realizada em sua pesquisa, com duração de 60 horas, foi a que chama de “cristalizada pela língua”, ou seja, algo que já existe. Exemplo: “foi feito”

Disso decorre que, nas análises que serão levadas em consideração, ao se tentar traçar um diagnóstico acerca do uso e das interpretações da passiva pelos usuários da língua, no caso as crianças, bem como em que medida elas dominam as regras gramaticais referentes às estruturas passivas, muitos chegam à conclusão de que as crianças não entendem as sentenças e a tarefa da mesma forma que os adultos.

Sendo assim, fazer a análise deste fenômeno nos trabalhos possibilitou uma compreensão mais precisa acerca do tema.

Gabriel (2001) constatou que uma interessante diferença entre as línguas testadas na pesquisa foi a de que as crianças falantes de inglês atingem o nível de desempenho

dos adultos aos 5-6 anos de idade, enquanto que as crianças falantes de português alcançam nível de desempenho similar ao do adulto apenas aos 8 anos de idade.

Levando em consideração os estudos de Antónia (2012), compreende-se, a partir do resultado de sua pesquisa, que há um atraso na aquisição de passivas quando comparadas com as frases ativas, tanto para os falantes de português europeu como para os de outras línguas. Entende-se, também, que apenas a partir dos quatro anos as crianças já revelam ter a interpretação da passiva, no entanto só com verbos agentivos. A conclusão dessa pesquisa apresentou dados onde 77% de respostas das crianças foram corretas nesses casos.

Vê-se, portanto, baseado nas análises feitas dos diferentes estudos, que a aquisição e compreensão das passivas acontece em idades diferentes, sendo as crianças falantes do português brasileiro, foco principal deste trabalho, ou falantes do inglês e do português Europeu.

CAPÍTULO 1

Conceito de linguística e delimitação dos estudos sobre aquisição da linguagem

A Linguística é estudo que se caracteriza como Ciência por apresentar determinadas características. Segundo Martelota (2011:20)

Em primeiro lugar a linguística tem um objeto de estudo próprio: a capacidade da linguagem, que é falada a partir dos enunciados falados e escritos. Esses enunciados são investigados e descritos à luz de princípios teóricos e de acordo com uma terminologia específica e apropriada. A universalidade desses princípios teóricos é testada através de análise de enunciados em várias línguas.

Desta forma, para ficar mais claro e objetivo, os autores Mioto, Silva e Vasconcelos (2005) explicam o que é a Ciência Linguística, fazendo comparação com os estudos, ou melhor, com as pesquisas feitas por físico. Exemplo: Encontram-se físicos que trabalham com os fenômenos mecânicos, outros que estudam fenômenos elétricos, outros que preferem magnéticos etc.

Isso quer dizer que todos esses fenômenos serão estudados dentro de limites que devem ser claramente formulados. Do mesmo modo, para entender o que é Linguística, há que se compreender que os fenômenos relacionados à linguagem contêm um campo de pesquisa muito vasto, uma vez que podem ser observados por meio dos enunciados falados e escritos. A linguística moderna, embora também se ocupe da expressão escrita, considera a prioridade da língua falada como um de seus princípios fundamentais. (FIORIN, 2012)

A linguística, como uma ciência, não se compara ao estudo tradicional da gramática. Ao observar a língua em uso, o linguista procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais e lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou crítico. (FIORIN, 2012: 17).

Entre os temas de interesse da ciência Linguística, figuram as teorias da aquisição da linguagem, essenciais àqueles que têm as línguas naturais como objetos de estudo. A aquisição da Linguagem ainda é um ponto muito discutido no campo da linguística. De acordo com estudos, é comprovado que somente os seres humanos são capazes de

adquirir a linguagem, pois são os únicos a se comunicarem com criatividade. Apesar de haver estudos que defendem que outros animais como papagaios, chimpanzés e abelhas apresentam uma linguagem específica para se comunicarem, é defendido que esses animais não possuem e nem vão desenvolver a criatividade, característica da comunicação humana, sendo esta uma das grandes diferenças estabelecidas entre a linguagem e comunicação entre os animais.

As diferentes escolas linguísticas defendem ideias diferentes acerca de como se dá a aquisição da linguagem. São elas: Estruturalista, Funcionalista e Gerativista.

A escola estruturalista, principalmente a corrente norte-americana, é influenciada pela psicologia behaviorista.

Para estudar a linguagem humana, os Behavioristas lançam mão das abordagens empíricas, ou seja, acreditam que o conhecimento linguístico é oriundo da experiência através do estímulo, resposta, imitação e reforço (positivo ou negativo), considerando que a mente infantil, no momento do nascimento, é uma “tabula rasa”. O estruturalismo, corrente que iniciou as pesquisas com a língua e a linguagem, tornando-a objeto de uma ciência a ser estudada, defende a ideia de que o linguista deveria trabalhar apenas com dados observáveis.

No entanto, a abordagem funcionalista trabalha a função associada à forma gramatical, enquanto os gerativistas dão destaque à estrutura formal das sentenças e sua interpretação como parte de uma Gramática Universal (GU). Segundo Martelotta (2001):

(...) os funcionalistas e gerativistas divergem com relação ao processo de aquisição de linguagem. Os funcionalistas tendem a explicá-lo nos termos do desenvolvimento das necessidades e habilidades comunicativas da criança na sociedade. (...) é com base nos dados linguísticos a que é exposta em situação de interação com membros de sua comunidade de fala que a criança constrói a gramática de sua língua. Os gerativistas por outro lado, explicam a aquisição da linguagem em termos de uma capacidade humana específica para aprendizagem da língua.

O Linguista Noam Chomsky, ao se contrapor ao estruturalismo behaviorista, afirma que repetição, imitação e reforço não dão conta da complexidade da língua e tampouco explicam como a criança consegue, em um curto período (em torno dos 18 aos 24 meses), e submetida a dados tão truncados e fragmentados, dominar sua gramática internalizada.

Chomsky e a corrente a que se vincula, o Gerativismo, defendem a Teoria Paramétrica, segundo a qual somos dotados, no estágio inicial, da Gramática Universal (GU), que é definida como: Conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre ela que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU.

Um dos trabalhos sobre aquisição da sentença passiva a ser aqui abordado (Perontino, 1995) afirma que a aquisição tardia da sentença passiva pela criança com relação à ativa, pode ser explicada por meio das duas concepções mais difundidas: a gerativista e a cognitivista piagetiana. Na primeira, a passiva é considerada como uma construção que requer mais transformações, por isso a criança demoraria para compreendê-la (a passiva era vista como uma das últimas transformações a ser acrescida ao rol daquelas já existentes na gramática da criança) (Fraser, Bellugi e Brown, 1963). Na segunda concepção, a criança seria capaz de compreender as frases passivas somente depois de ascender ao estágio de operações concretas, fase em que o egocentrismo encontra-se superado e o pensamento da criança capaz de operar com a reversibilidade (SINCLAIR e FERREIRO, 1970)

Outra vertente que aborda a aquisição da linguagem é o Interacionismo. Para Vygotsky (1984), o desenvolvimento da linguagem é oriundo da interiorização de práticas sociais que prescindem de um mediador; e o pensamento começa a tornar-se verbal, bem como a linguagem, racional, aproximadamente a partir dos dois anos de idade, cabendo à fala a organização do pensamento.

Já na vertente Cognitivista, Piaget propõe que o desenvolvimento cognitivo passa por períodos, estágios: sensório motor (0 a 18 meses), pré-operatório (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 12 anos) e as operações formais. Sob esse enfoque, o aprendizado depende muito do indivíduo, que tem de fazer sua própria representação da realidade, extraindo as informações e desvelando-as. O que ele aprende sobre a linguagem está diretamente relacionado com o que ele sabe sobre o mundo no qual está inserido, e a aquisição, bem como o desenvolvimento da linguagem, derivam do desenvolvimento do raciocínio.

Ainda explicando a aquisição por meio das vertentes existentes, o construtivismo, que é um segundo tipo de teoria inatista é o que considera que o mecanismo responsável pela

aquisição da linguagem também é responsável por outras capacidades cognitivas. Segundo esse tipo teoria, as crianças constroem a linguagem. (FIORIN, 2012).

CAPÍTULO 2

O que são as estruturas passivas: forma e função

Para entender melhor o processo de aquisição das passivas pelas crianças, alguns autores tratam de diferentes classificações de sentenças passivas, as quais serão descritas a seguir.

Uma das definições encontradas na gramática normativa sobre as sentenças passivas está na Moderna Gramática Portuguesa, onde Bechara (2009) define a passiva como: “forma verbal que indica que a pessoa é o objeto da ação verbal” e que “é formada com um dos verbos ser, estar, ficar, seguido do particípio”.

Exemplos:

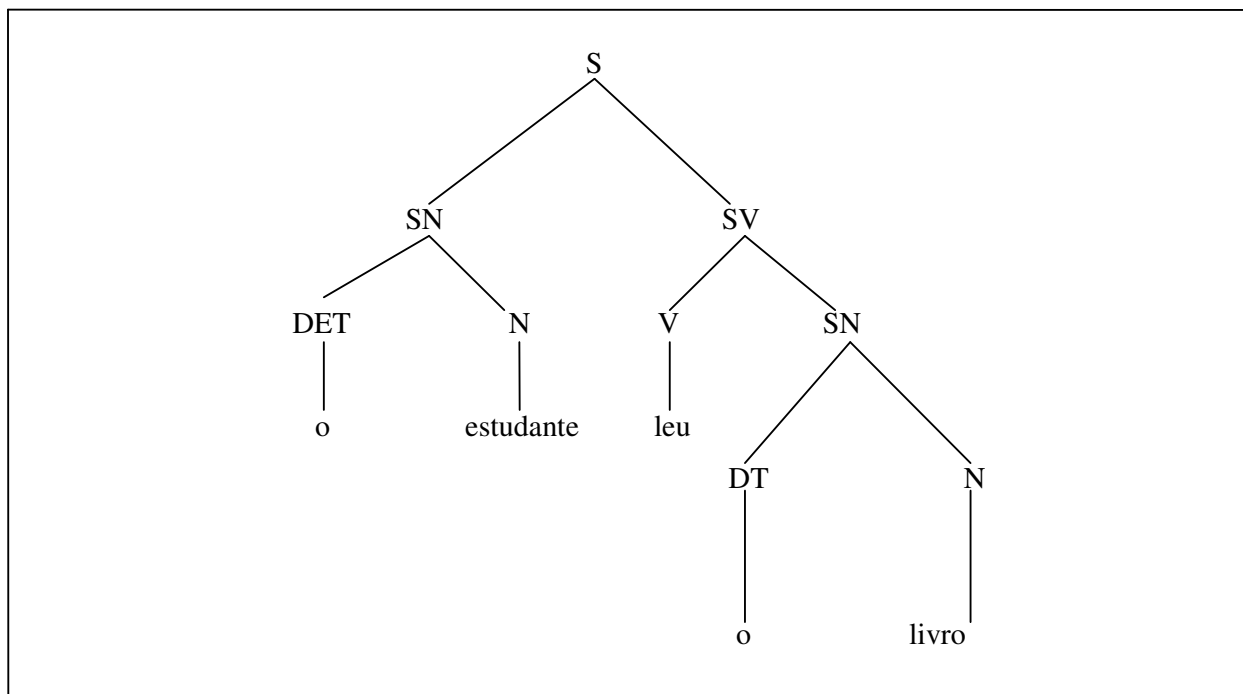
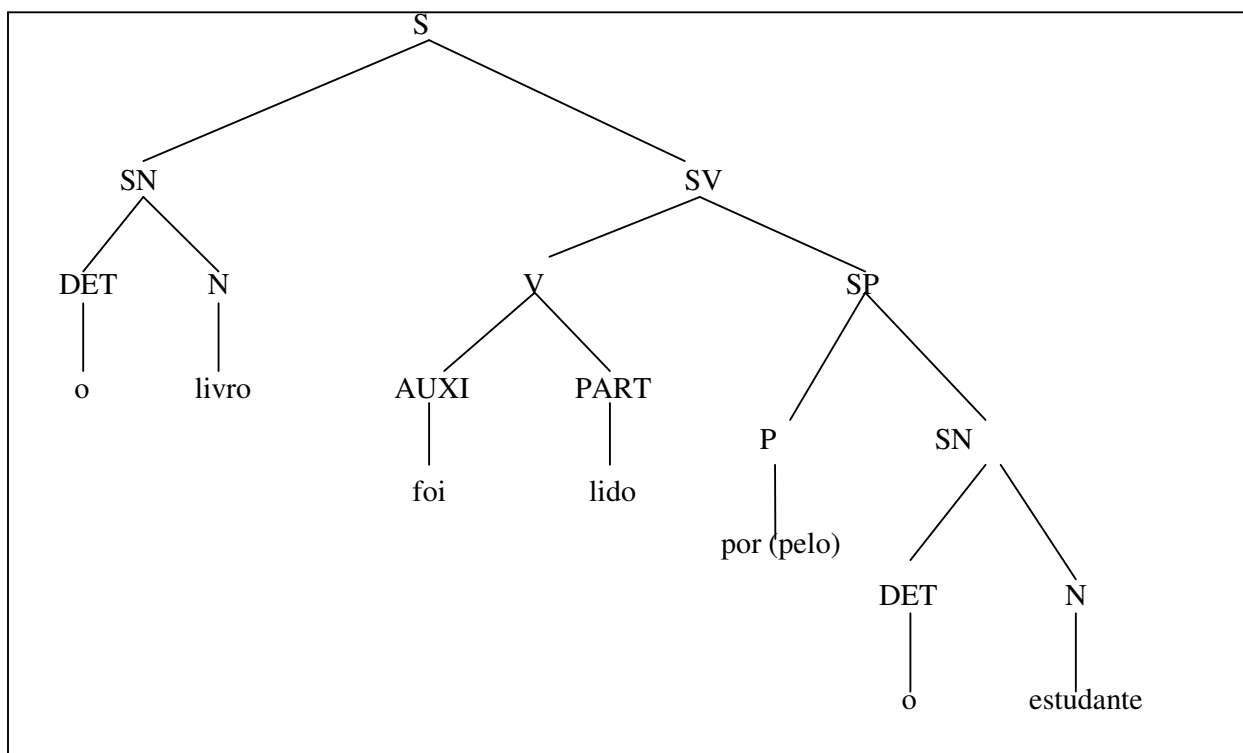
(11) O primo *foi visitado* por ti.

(12) A carta é escrita por mim.

(13) A árvore será plantada por nós.

A partir de uma abordagem científica, os gerativistas apresentam a sentença passiva, no modelo teórico conhecido como *Gramática Transformacional*, como sendo uma estrutura superficial que deriva de uma profunda, a sentença ativa. Para dar conta dessas estruturas, a gramática gerativa se utiliza das regras transformacionais, isto é, a estrutura que primeiro se forma é a profunda (voz ativa), e a derivada dela é a superficial (voz passiva).

Martellota, (2011), apresenta essa estrutura sintática por meio do diagrama arbóreo. Vejamos o exemplo a baixo:

Estrutura profunda:**Estrutura superficial:**

No entanto, na visão, também científica, da corrente funcionalista, não existem estruturas sintáticas que possam operar sem ter nenhuma relação ou dependência com um significado. Tais teóricos acreditam que um conjunto de fenômenos linguísticos está relacionado com a adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua. Martellota, (2011) destaca os estudos sobre as passivas em inglês onde o autor Thompson observou que a ocorrência de uma cláusula passiva é motivada por dois fatores pragmáticos distintos: o primeiro a prediz a sentença passiva sem agente, e o segundo a sentença passiva com agente. Ou seja, essa ocorrência relaciona-se com a transitividade verbal da frase.

Já Hopper & Thompson (1980) chamam a atenção para o fato de o termo 'passiva' ter sido usado para dar conta de dois tipos de construções radicalmente diferentes.

O primeiro tipo é a construção 'objeto-foco', na qual um sintagma nominal (SN) outro que não o agente é promovido a um status especial. (GABRIEL, 2001) O segundo tipo seria a passiva canônica.

Para os autores, a construção do tipo 'objeto-foco' é distinta das 'passivas' em um aspecto importante: ela tende a ocorrer com um agente, ao passo que a passiva do tipo encontrado em inglês não. Para Hopper & Thompson (1980), as passivas são construções baixas em transitividade enquanto as construções 'objeto-foco' são elevadas em transitividade. A passiva canônica de Hopper & Thompson (1980) é essencialmente uma oração de um argumento, como em:

(14) A casa foi vista.

CAPÍTULO 3

Descrição e análise dos trabalhos existentes e relevantes sobre a aquisição das passivas

A aquisição da sentença passiva é um tema estudado e abordado em algumas pesquisas de dissertação de Mestrado, tese de Doutorado e artigos publicados em Revistas de Pós-Graduação de cursos de Letras Português.

A tese de Doutorado de Rosangela Gabriel (2001), por exemplo, tem como foco uma análise comparativa da aquisição da sentença passiva em duas línguas: o inglês e o português.

A autora, no primeiro capítulo, faz alguns questionamentos a respeito da linguagem como: De onde vem o conhecimento? De onde vem a linguagem? Onde a linguagem fica armazenada? Como as crianças adquirem as estruturas presentes na língua a que estão expostas?

Certamente esses questionamentos impulsionam pesquisas na área da Psicolinguística, que, ao contrário de outras disciplinas interessadas em desvendar os mistérios do funcionamento cerebral, pouco pode se valer de experimentos com animais, quer dizer, a linguagem humana tem muito ponto a ser estudado.

Como as crianças aprendem as construções passivas? É exatamente em cima desse ponto que Rosangela Gabriel apresenta sua tese de doutorado. Sua pesquisa é embasada por meio da utilização de duas técnicas, sendo uma delas, as análises de dados e a segunda a simulação em computador do processamento neuronal.

A autora analisou não só a construção e compreensão das passivas, mas também os dados empíricos relacionados às sentenças ativas. A faixa etária das crianças que participaram da pesquisa estava entre os três anos e os sete anos. Rosangela estudou e apresentou em sua tese alguns estudos que foram realizados com adultos e que podem fornecer pistas de como os falantes maduros processam essas construções, e de como esses dados podem auxiliar na identificação dos caminhos percorridos pelas crianças até atingirem um desempenho semelhante ao do adulto.

Por outro lado, a autora nos apresenta um estudo de Ferreira (1994), que em seu artigo acerca deste assunto, sugeriu que os falantes adultos, num primeiro momento, talvez, tentem apenas a reproduzir uma sentença ativa, mas quando essa lhes soa estranho, passam então à produção de uma sentença passiva. No entanto, Rosângela afirma que o foco de sua tese não está voltado ao estudo dos adultos com relação à produção das passivas, mas sim, na compreensão desta por crianças. Por isso, não houve um aprofundamento e nem questionamentos a respeito dos artigos mencionados por ela em sua tese sobre a apassivação dos adultos.

Slobin (1968), de acordo com Gabriel, foi o pioneiro nessa área de pesquisa. Trabalhou com passivas cheias, (possuem o agente da passiva expresso) e com passivas truncadas (não possuem o agente da passiva). Segundo a autora, “o modelo de simulação por computador procura simular a aquisição e processamento das construções passivas”. O modelo de rede escolhido é conexionista, um paradigma teórico que assume que a aprendizagem é baseada em processos associativos envolvendo a modificação dos pesos sinápticos. Ou seja, esse modelo lhe possibilita uma análise mais concreta a partir dos resultados obtidos por meio dos estudos empíricos.

Toda a tese de Gabriel é embasada por definições e pesquisas realizadas tanto por autores funcionalistas como gerativistas. Em todo seu trabalho, Rosângela aponta fatos das duas frentes e exemplifica como o processo de aquisição da passiva ocorre no inglês e no português. No primeiro capítulo, a autora faz uma análise de estudos existente a respeito da aquisição da sentença passiva. Assim, para que haja um melhor entendimento sobre a compreensão da sentença passiva por crianças, ela apresenta os estudos de Slonbin (1968), onde explica a relação do adulto com a criança, e como essa relação pode influenciar a criança nesse processo de aquisição da sentença passiva.

Mas destacamos que a autora não faz um aprofundamento acerca desse tema, pois o enfoque de sua tese é a criança, seja falante do inglês ou português. A apresentação de alguns trabalhos de autores nos ajudou a esclarecer de forma mais objetiva as definições existentes sobre as sentenças passivas, ou melhor, se realmente existe uma aquisição tardia da sentença passiva pela criança e, mais especificamente, em qual faixa etária ela é mais ou menos compreendida.

O primeiro estudo fala sobre a produção das passivas com crianças que têm o inglês como língua materna, dando destaque a algumas classificações como: a ação dos

verbos de ação e não ação, por Maratsos *et al.* (1979,1985), a hipótese do déficit das cadeias-A (ACDH- A-Chain déficit Hypothesis), por Borer e Wexle 1987, passiva reversível & irreversível, e também por definições baseadas no critério de transitividade e topicalidade, dentre outras. Dando continuidade a essa lógica, destacou a produção em português também utilizando-se de outros estudos, mas as conclusões acerca das pesquisas em português estão nos estudos de Perontino (1995), que realizou o primeiro estudo no Brasil acerca da apassivação na aquisição da linguagem da criança. A partir das conclusões desses estudos, então, foi feita uma comparação entre as duas línguas: inglês e português.

Outros trabalhos relevantes são os estudos de Maratsos, (1979) e de outros autores como Sudhalter & Braine (1985), que correlacionaram a compreensão dos verbos de ação com os verbos de não ação. Nesse contexto, os autores afirmam que as crianças compreendem com mais facilidade as passivas com verbos de ações, sendo um deles o verbo morder. Neste sentido concluíram que a criança não está predisposta a fazer formulação de maneira puramente semântica ou sintática.

Já Gordon & Chafetz (1990) vão contra as propostas já apresentadas sobre as propriedades semânticas descritas por Maratsos (1979;85). Os autores fizeram uma abordagem centrada nos verbos de ação e concluíram que as crianças já possuem certo conhecimento das passivas que é limitado pelo *input*. Afirmam que: “os verbos que elas ouvem na voz passiva são mais frequentemente verbos de ação do que de não-ação”, e que a aquisição é baseada inicialmente numa aprendizagem item-a-item”. Isto quer dizer que as passivas estão em cada verbo, individualmente, dentro do léxico.

Foi feita uma análise sobre as passivas reversíveis vs. Irreversíveis, sendo que as passivas reversíveis são as que contêm dois agentes em potencial em oposição às que têm o papel de agente devido a restrições semânticas, neste caso, as irreversíveis.

- (15) O menino foi beijado pela mãe.
- (16) A mãe foi beijada pelo menino.
- (17) A peça foi escrita por Shakespeare.
- (18) Shakespeare foi escrito pela peça*.

São reversíveis as sentenças que, na troca dos papéis de agente e paciente, a frase é compreendida sem nenhum prejuízo. Exemplo da frase (1), que gera a (2). Enquanto que na frase (3), quando ocorre essa troca, há um prejuízo semântico, expresso pela agramaticalidade da frase (4). Por esta razão ela é considerada uma passiva irreversível.

A autora Lempert (1985), em sua investigação sobre aquisição das passivas, por meio de características como ordem das palavras, agente dinâmico e probabilidade específica do verbo, pôde observar que, para as crianças falantes do inglês, é muito mais importante a ordem das palavras do que a estratégia do agente animado. Sua conclusão foi a de que crianças em diferentes idades parecem usar estratégias diferentes para processar as frases.

Gabriel mostra, ainda, pesquisas dos autores Brooks & Tomasello (1999), que propõem questões sobre a aquisição da sentença passiva por jovens crianças falantes do inglês. Em uma delas afirma que: “se as crianças podem aprender a produzir passivas cheias, isso evidência que a complexidade linguística não apresenta um obstáculo intransponível”, neste caso, o problema está na baixa frequência destas passivas.

Em relação a aquisição da sentença passiva em Português, Gabriel relata os estudos de Perontino (1995) que, em sua dissertação de Mestrado, fez uma pesquisa em que analisava, entre outros dados, uma gravação de mais de 60 horas da fala espontânea de uma criança falante do português interagindo com um adulto. Após fazer a análise desta gravação, o referido autor observou apenas um pequeno número de construções passivas, e essas eram perifrásticas (exemplo: foi feito). De acordo com seus dados, este fenômeno está relacionado ao fato de o falante adulto próximo à criança não produzir sentença passiva. Então, concluiu que, em relação aos adultos as passivas aparecem mais na escrita do que na oralidade, dificultando assim a aquisição da construção pela criança.

Nesta tese, que aborda o tema da aquisição da passiva em português e inglês, foi realizada a comparação da aquisição da sentença passiva por crianças de Oxford, Reino Unido e por crianças do Rio Grande do Sul, Brasil. Fato que chamou a atenção da autora durante as análises foi que, de um total de 22 crianças, 14% produziram ao menos uma passiva longa. Mas, neste caso, a faixa etária das crianças era entre 5 e 6 anos de idade. Assim, ela observou que antes dessa idade, levando em conta os falantes que participaram do teste, nenhuma passiva longa havia sido produzida.

Como já mencionado pela própria autora, a maior dificuldade da criança falante do português em produzir e compreender uma sentença passiva está relacionada ao *input* linguístico. Para corroborar sua pesquisa, Rosangela cita Rubin (2006;2009) que defende a hipótese de que a sentença passiva reversível é interpretada como ativa, sendo que a criança, ao ouvi-la, interpretaria primeiro o DP como agente/causador da ação e de não ação, ligando o primeiro constituinte ao [spec]. No entanto, a autora afirma que a aquisição da sentença passiva é mais abundante em outras línguas, mais especificamente no inglês, do que no português. Mas, vale lembrar que existem controvérsias nos estudos dos autores por ela citado nesta tese.

Contudo, observamos que quase todos os artigos apresentados na tese de Gabriel, são voltados para a aquisição da passiva em crianças falantes do inglês. E por esse fato, foi possível concluir que há divergências encontradas nos artigos, sendo uma delas, a citação de estudos que mostram que as crianças compreendem cedo esse tipo de sentença, por volta dos três e quatro anos de idade, enquanto outros pesquisadores discordam e afirmam que esta compreensão e aquisição só acontece quando a criança é um pouco mais velha, por volta dos seis e sete anos de idade.

Outro trabalho relevante acerca do tema foi o artigo de Antônia Estrela, publicado na revista Verba Volant do programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Este artigo apresenta a comparação da aquisição e compreensão da sentença passiva por crianças falantes do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB).

A autora busca mostrar que há certa complexidade inerente na compreensão da passiva reversível.

Exemplos apresentados no artigo, aqui reenumerados:

- (19) A mãe foi penteada pela menina.
- (20) A menina foi penteada pela mãe.
- (21) O livro foi lido pelos meninos.
- (22) *Os meninos foram lidos pelo livro.

Ainda nos estudos do Português Europeu, Correia (2003), realizou experiências que envolveram a produção e a compreensão de estruturas passivas diferentes (sintática

e clítica). Por meio dessa pesquisa foi possível concluir que nas construções de passivas perifrásticas, independentemente dos verbos, os traços semânticos dos NPs com função semântica de agente e de paciente estimulam as crianças à recorrerem às passivas longas. Tal fato se deu porque houve uma descontextualização das “frases estímulo” e do tipo de questão colocada para cada frase.

Contudo, a questão de reversibilidade não apresentou nenhuma complicação ao nível da produção, o que vai de encontro aos estudos de Sim Sim (1997), que dizem respeito à compreensão. Assim, o modo de estruturação do enunciado a partir de estruturas perifrásticas impõe custo elevado para o processamento sintático eficaz. (CORREIA, 2003).

Já em estudos que levam em consideração o PB, como os realizados por Gabriel (2001), afirma-se que o padrão de desenvolvimento das passivas sintáticas é adquirido de modo uniforme em todas as línguas devido ao aspecto inato da linguagem. Esta afirmação se pauta na pesquisa realizada com adultos, que quando querem topicalizar um Paciente, recorrem não só a uma passiva, mas a outras estruturas disponíveis na língua.

Rubin (2009), em suas pesquisas, assume a hipótese de que as crianças interpretam a sentença passiva como ativa em determinado estágio de sua cognição. A conclusão do estudo foi a de que o atraso da passiva acontece quando essa é realizada em grupo. Mas, quando realizada individualmente, não há nenhuma dificuldade. Portanto, não tem como generalizar este atraso, pois há o fatores relacionados à diferenças individuais que devem ser consideradas.

Em um dos trabalhos de Maratsos (1985), foi abordada a compreensão das passivas com verbos agentivos, exemplo: *morder*, e não agentivos, exemplo: *ver*. O resultado foi o de que os verbos agentivos são bem mais compreendidos do que os não agentivos, fato que não difere dos demais trabalhos já apresentados.

Por outro lado, os autores Borer & Weler (1987), defendem a hipótese da maturação, que prevê que certas estruturas são desenvolvidas em diferentes fases. Dessa forma, os autores se utilizaram do modelo de princípios e parâmetros de Chomsky para explicar que o princípio que governa o movimento do objeto para uma posição de sujeito apenas matura aos cinco anos.

Este artigo trás muitos autores que descrevem as dificuldades na aquisição da passiva e tentam explicar quais os motivos deste atraso.

Entretanto, convém lembrar que este atraso não é universal em todas as línguas a exemplo do que cita o autor Demuth (1990), que observou a ausência de dificuldades de aquisição das passivas em Sesotho, uma língua do grupo Bantu. Tal ausência se deve ao fato de uma alta frequência de passivas no *input*, por um lado, e, por outro, ao fato da morfologia única na construção da língua.

Antonia Estrela, com relação aos estudos experimentais em PE, afirma que um dos objetivos do seu trabalho é investigar a compreensão de passivas longas e curtas. E, para tal, apresenta duas hipóteses:

1ª- a compreensão de passivas longas é mais difícil do que a compreensão de passivas curtas.

2ª- a compreensão de passivas com verbos não agentivos acarreta maiores dificuldades do que a compreensão de passivas com verbos agentivos.

Foram utilizadas técnicas diferentes para a realização deste estudo. Uma das técnicas utilizada para a compreensão da passiva com verbos agentivos se deu por meio de um Teste de Seleção de Imagem. Outra forma utilizada para a compreensão de frases passivas com verbos não agentivos ocorreu através de um Teste de Julgamento de Valor e de Verdade.

Alguns dos verbos agentivos testados foram: **empurrar, examinar, lavar, coçar, desenhar**, entre outros. Para o primeiro teste, 72 crianças participaram; todas tinham o português como língua materna. No segundo teste, os verbos foram: **avistar, odiar ouvir amar** e etc. Este foi aplicado a 75 crianças com idade variável entre os três e cinco anos. Para estas crianças foram apresentadas frases com os verbos agentivos e não agentivos, e frases com passivas longas e curtas.

O resultado do trabalho mostra de fato que as passivas não agentivas são as de mais difícil interpretação do que as passivas agentivas. Logo, este artigo mostra que há um atraso na aquisição de passivas em PE quando comparadas às frases ativas e que, a partir dos quatro anos é que as crianças já revelam ser capazes de interpretar as frases com verbos agentivos.

Desta forma, a autora conclui que o trabalho interlinguístico é fundamental para a descoberta da natureza da linguagem infantil.

Portanto, estes dois trabalhos apresentam justificativas possíveis para explicar os motivos pelos quais a aquisição da sentença passiva pelas crianças ocorre tardiamente, sejam elas falantes do português brasileiro ou europeu ou falantes do inglês.

No entanto, detectamos que tanto os autores gerativistas como os funcionalistas apontam características divergentes que motivariam essa aquisição tardia. Por isso, é necessário que outras pesquisas possam ser realizadas, pois muito ainda há para se descobrir sobre a aquisição e compreensão da sentença passiva por crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa, conseguimos perceber, mais uma vez, a relevância da ciência linguística para a compreensão dos fenômenos abordados por ela no campo da aquisição da linguagem.

As análises aqui apresentadas não têm a intenção de ser convergentes. Afinal, é amplo o conhecimento existente sobre aquisição da linguagem. Pudemos observar que a aquisição e compreensão da passiva por crianças é um tema amplamente estudado, e que, apesar de enfocarem diferentes perspectivas e apresentarem explicações diversas sobre a aquisição desse tipo de estrutura, são convergentes em um ponto:: a aquisição das sentenças passivas pelas crianças ocorre tardiamente, quando comparada à aquisição das sentenças ativas.

Foi também possível entender o porquê de as crianças compreenderem com mais facilidade as sentenças com os verbos agentivos, ao invés dos não agentivos.

Portanto, de acordo com os autores aqui citados, foi possível verificar que para compreender a aquisição tardia da passiva por crianças falantes do português brasileiro é necessário entender como os movimentos dos verbos de ação e não ação interferem nessa compreensão, assim como também entender as passivas reversíveis e irreversíveis.

De fato, para as crianças, as estruturas passivas são muito mais difíceis do que as ativas. E pudemos entender que o *input* de cada língua tem influência no que se refere a esse tema.

Por fim, os trabalhos interlinguísticos revelaram-se ser de suma importância para tentar compreender o fenômeno aqui estudado e a aquisição da linguagem de maneira geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÓNIA, Estrela. *A passiva em português europeu: questões de aquisição*. Volume 3 Número 2, julho-dezembro 2012 – ISSN 2178-4736. <http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant>
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. ampl. e atual. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CEGALLA, Domingos Pascoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Nacional, 2008.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008
- FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística I*. 6.ed. 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2012.
- JUNIOR, B.J.A. *As passivas na produção escrita de brasileiros aprendizes de Espanhol como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Língua espanhola e literatura espanhola) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- MARTELOT, Mário Eduardo. *Manual de linguística*.(org). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MIOTO, Carlos, SILVA, Maria Cristina F, LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2 ed. ,2005 280p.:il.

MOURA, D.C. *Contributo para o Estudo da Compreensão, Produção e Repetição de frases na Voz Passiva em Crianças Portuguesas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal. 2012.

Pesquisa em letras [recurso eletrônico] Vera Teixeira Aguiar, Vera Wannmacher Pereira (Org.) – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007. 136 p.

GABRIEL, Rosângela. *A aquisição das construções passivas em português e inglês: um estudo translingüístico*. Tese (Doutorado em letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

STAMPA, Mariângela. *Aquisição da Leitura e da Escrita: uma abordagem teórica e prática a partir da Consciência Fonológica*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.